

## Cidade, Comunicação e Cultura

City, Communication and Culture

**Carles Carreras i Verdaguer** – Universitat de Barcelona | Barcelona | Catalunya | Espanha | E-mail: [ccarreras@ub.edu](mailto:ccarreras@ub.edu) | <https://orcid.org/0000-0002-3985-0884>

**Resumo:** A relação entre comunicação, cultura e cidade é o tema deste artigo. Com o objetivo de defender a ideia de urbanização planetária parte-se do pressuposto de que os termos comunicação, cultura e cidade são sinônimos, elabora-se um percurso que parte do jornalismo, passa pela literatura e pelas artes, valendo-se de propostas de Artaud, Picasso, Manet, Duchamp, Fritz Lang, Joyce, Cortazar e também de teóricos como Marx, Jacobs, Milton Santos, Françoise Choay, Walter Benjamin e Henri Lefèbvre, enfatizando que a arte esteve na vanguarda do viver urbano e na superação da relação campo-cidade. O relevante neste artigo é a produção de conhecimentos sobre comunicação e cidade que ressignifica a relação campo/cidade.

**Palavras-chave:** Comunicação. Cultura. Cidade. Urbanização planetária.

**Abstract:** The relation among communication, culture and the city is the subject of this paper. In order to defend the idea of planetary urbanization, we start from the assumption that the terms communication, culture and city are synonymous. We have started from journalism to develop a reflection about literature and arts using proposals of Artaud, Picasso, Manet, Duchamp, Fritz Lang, Joyce, Cortazar. Besides we include some theoretical ideas of Marx, Jacobs, Milton Santos, Françoise Choay, Walter Benjamin and Henri Lefèbvre by which we emphasize that art was in the vanguard of urban living and it was present in observed changings in country-city relation. The relevance of this paper is based on the knowledge improvement of the relation among communication, culture and urban space in the discussion key point of country and city.

**Keywords:** Communication. Culture. City. Planetary urbanization.

• Recebido em: 19 nov. 2019 • Aprovado em: 09 dez. 2019 • e-ISSN: 2177-5788

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2019v45n2p233-258>

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

## 1 Introdução

O desafio do encontro e de enfrentar sua solene conclusão faziam com que eu não soubesse exatamente qual deveria ser o caminho a tomar. Em primeiro lugar, pensei que se eu fui convidado, era para falar das coisas que eu sei um pouco, mais que outras qualquer e, portanto, devia apresentar uma visão geral das nossas pesquisas atuais, pessoais e da minha equipe. Apesar de já ser velho e aposentado, eu sou professor emérito da Universidade de Barcelona, e ainda pesquiso, enquanto permite aquele temido senhor alemão, o Senhor Alzheimer.

O tema que nós estamos pesquisando agora, vou desenvolver somente no final: hoje já não se pode falar em cidade, e nós estamos tentando demonstrar que teríamos já chegado a uma urbanização planetária. Nosso planeta hoje seria todo ele urbano, apesar de que há muita gente que não acredita. E, por isso, é um desafio para nós tentarmos, justamente, trabalhar com esse objetivo. Do ponto de vista da urbanização planetária, o que aparece de mais importante é o tema da desigualdade, da fragmentação, das rupturas, interstícios, marginalidades, que são muitas e distintas e que já não podem ser mais explicadas pela teoria clássica do centro e periferia, nem com a Geografia Urbana ou com a Geopolítica. A organização, a estruturação e as dinâmicas de nossa sociedade hoje são diversas e têm de ser explicadas a partir de um novo conceito de complexidade. Estamos diante de uma realidade muito complexa que nós, cientistas sociais, temos que tentar explicar.

A primeira ruptura que nós enfrentamos é a ruptura dentro das Ciências Sociais. Nos primórdios do século XIX, Wilhelm von Humboldt (1767-1835) organizou a universidade alemã, e quase todas as universidades do resto do mundo acabaram assumindo aquele padrão da divisão científica do trabalho. É evidente que, hoje, nos primórdios do século XXI, já não faz sentido nenhum essa organização, e somos já muitos em achar que seria bom recuperar a Ciência Social como um todo; ou ainda mais, do nosso ponto de vista mais crítico, achamos que deveríamos reconstituir a Economia Política dos tempos de Adam Smith (1723-1790), de David Ricardo (1772-1823) ou, sobre tudo, de Karl Marx (1818-1883). Eles não tinham especialidade nenhuma, mas eles eram cientistas que fizeram grandes aportações na explicação da totalidade!

O próprio Marx não era economista, como muitas vezes é apresentado. Ele era formado em Direito, mas interessou-se pela Filosofia de Georg W. F. Hegel (1770-1831) e pela História. Ele discutiu muitas teses de Hegel e dos seus discípulos, mas, sobretudo, ele fez o seu grande aporte na primeira explicação científica, e, portanto, política, da sociedade capitalista de meados do século XIX. E não era economista. Alguns autores procuraram o que Marx dissera na sua grande obra em torno da cidade (LEFEBVRE, 1976), mas ele não tratava da cidade, porque não era o seu objeto de estudo. Seu

objeto de estudo foi a sociedade capitalista, e a cidade faz parte dela junto com outros elementos. Marx não publicou um tipo de bíblia que nós temos que ler como um livro sagrado<sup>1</sup> (ALTHUSSER, 1980) para respeitar a fórmula textual ou fazer a sua exegese.

Pelo contrário, Marx fez o seu trabalho entre 1835 e 1883 e nós temos que fazer o nosso trabalho hoje. Assim, achamos que a perspectiva unitária, a de quebrar as fronteiras artificiais entre disciplinas, deveria ser o primeiro passo. Por isso, esta pode ser uma boa oportunidade para mostrar exemplos dessa possibilidade de quebrar as fronteiras disciplinares. É claro que a tarefa precisa de um grande espírito de cooperação, porque quando nós saímos de nossa especialidade, corremos o risco de sermos superficiais. Sempre podem aparecer as críticas de algum. Mas eu vou tentar falar aqui para além da disciplina geográfica, e eu espero que os outros especialistas queiram me corrigir, me complementar, e espero que todos possamos debater sobre conteúdos, conceitos e categorias, bem como escapar da banalidade, da anedota e de rivalidades fúteis. Isso é bem mais fácil de dizer do que o fazer, por que cada disciplina costuma estar “colada” demais a suas metodologias, que normalmente não são realmente metodologias, senão técnicas; está “colada” aos seus conceitos, que frequentemente já não são conceitos, senão simples palavras, muitas vezes, inclusive palavrões populares que atuam como cortinas de fumaça.

Um exemplo extremo pode ser o dos colegas que pesquisam em turismo, que se chamam eles próprios de “turistólogos”, o que não faz sentido nenhum. Não se pode organizar uma disciplina única sobre um objeto de estudo complexo que precisa recolher o máximo de opiniões, de reflexões, de teorias e de métodos para tentar explicar a sua realidade e, inclusive, para tentar dar alguns palpites para que os empresários e os políticos, em todos os níveis, possam gerenciar e ordenar as suas economias. Porque, normalmente, na academia se critica muito os políticos, é muito fácil. Mas a academia também não faz o seu trabalho que é o de criar conhecimento e elaborar alternativas ou, pelo menos, cenários possíveis e diferentes para as novas situações. Ainda mais hoje quando parece que não há muitas alternativas econômicas para o desenvolvimento local, além desse turismo tão estudado e desconsiderado.

Esse papel crítico da academia, no entanto, é mais urgente do que nunca, quando o capitalismo, provavelmente hoje já está para acabar<sup>2</sup> (WALLERSTEIN, 2013; STREECK, 2016). Em alguns anos, quem sabe, alguém falará que nessas primeiras décadas do século XXI já tínhamos um novo sistema econômico e que deveria se chamar de outra forma. O capitalismo não está sumindo por causa de uma revolução socialista ou

---

<sup>1</sup> Em 1965, o filósofo francês Louis Althusser (1918-1990) publicou dois volumes que intitulou Ler o Capital.

<sup>2</sup> Nesse sentido vão as importantes obras do sociólogo e historiador americano Immanuel M. Wallerstein (1930-2019) ou a do sociólogo alemão Wolfgang Streeck (1946).

popular qualquer, ele cai porque os dirigentes da economia capitalista<sup>3</sup> não tiram o lucro suficiente para eles. Assim estaria a se organizar um sistema muito mais explorador, degradando a níveis incríveis as condições de trabalho (precariedade, instabilidade e salários baixos) e o meio ambiente e aumentando a desigualdade social<sup>4</sup> (PIKETTY, 2013). Alguns analistas falam da reprodução das condições do século XIX, mas isso não pode ser bem assim. Porque os trabalhadores e assalariados hoje são pessoas formadas e qualificadas e não encontram emprego, são temporários, ou subempregados, ou simplesmente desempregados. Entretanto, os capitalistas têm lucros imensos e cresce uma minoria de ricos, de milionários<sup>5</sup>.

Porém, na nossa frente está mudando o sistema econômico e nós todos seguimos na academia falando as banalidades de sempre, quase sem capacidade para mudar os nossos esquemas de pensar. É por isso que acho que a universidade, a universidade no sentido próprio, de universalidade, a universidade pública, está hoje aberta à esperança porque, tudo aquilo que os velhos sabiam, não serve já para quase nada; talvez só para explicar o que aconteceu ou, pelo menos, o que não seria bom que acontecesse. Os jovens têm assim a grande oportunidade e o grande desafio de aprender tudo de novo, de criar novas teorias e de orientar os cidadãos do século XXI.

## 2 A Cultura e a Comunicação na origem da Cidade

Nesse contexto, quando preparei o meu texto para essa conversa sobre Cidade, Comunicação e Cultura, eu percebi que os três conceitos eram de alguma forma sinônimos. Ou, se não verdadeiros sinônimos, pelo menos, termos relativos a uma mesma realidade complexa; caminhos diversos para se aproximar a complexidade urbana que constitui a realidade da cidade hoje. Talvez seja uma evidência, mas só nesse momento eu vi com clareza que fora da academia, já fazia muito tempo, que muitos intelectuais e artistas tinham avançado na linha de ler essa complexidade, essa fragmentação, especialmente nas primeiras décadas do século XX, no que se conhece como as vanguardas. O que eu vou desenvolver aqui são só algumas das ideias que poderiam articular um novo pensamento sobre a cidade contemporânea que outros já estão desenvolvendo.

A começar primeiro pela cidade, é importante fazer uma homenagem<sup>6</sup> a Jane Jacobs (1916-2006), porque ela é uma das tantas mulheres

---

<sup>3</sup> Que nem sabemos bem quem sejam e se precisam pesquisar melhor.

<sup>4</sup> O economista francês Thomas Piketty foi um dos primeiros a documentar o progresso histórico da desigualdade nos últimos séculos.

<sup>5</sup> A revista norte-americana *Forbes*, criada em 1917, publica os seus escandalosos *rankings* periódicos dessa imoralidade.

<sup>6</sup> Na ocasião do seu falecimento, eu tive a oportunidade de fazer uma homenagem no primeiro seminário Cidade, Comércio e Consumo, que organizamos no Rio de Janeiro, em 2006, mas que não foi publicada.

interessantes do século XX. Ela era jornalista, mas os seus livros, traduzidos em muitos idiomas, são textos de referência em muitas universidades do mundo todo, e com o tempo ela ganha uma grande popularidade nos *media*. Jacobs também foi uma ativista na defesa do Greenwich Village, de Nova Iorque, e foi detida e julgada por isso. Quando ela enfrentou o responsável pela planificação urbana de Nova Iorque, o jurista Robert Moses (1888-1981), funcionário da área metropolitana da cidade<sup>7</sup>, na frente do júri, quis demonstrar a ignorância dessas mulheres que ousavam contestar o técnico (que não era em realidade) que sabia tudo, chamou elas simplesmente de *mothers*, de mães. O uso do termo mãe como pejorativo acelerou a vitória judicial de Jacobs e das outras vizinhas do Village.

A jornalista, depois de ter publicado com grande sucesso o seu primeiro livro sobre a morte e a vida das grandes cidades americanas, baseado na sua experiência nova-iorquina, publica em 1969 - Jacobs (1969) - a obra que mais contribuiu para o conhecimento da cidade. O livro, a primeira vista, parece ser de economia, mas não é. É um livro de jornalista, um ensaio, que está baseado em artigos de arqueologia da *Scientific American*, uma revista de divulgação científica criada em 1845. Ela encontrou informações de uma escavação, na Turquia, da qual se podia deduzir que, antes da chamada Revolução Neolítica, no VIII, milênio antes de Cristo, já existiriam cidades. A partir disso, ela lançou a sua grande hipótese contra a teoria evolucionista clássica<sup>8</sup>: a cidade é anterior à agricultura, ela a precedeu.

A ideia forte que está por trás do ensaio e que permeia toda a obra posterior de Jacobs (1969), é que não poderia existir uma agricultura complexa e extensa sem a existência da cidade como o centro estruturador regional e criador do conhecimento científico, técnico e cultural. Nessa homenagem a Jacobs, nas minhas aulas, eu usava uma pedra vulcânica que comprei no Brasil, na Praça da República, em São Paulo, numa feira em que havia pedras e artesanatos. No meu país não sabemos o que é a obsidiana, o recurso de intercâmbio que justificava aquela cidade<sup>9</sup> dos arqueólogos<sup>10</sup>, que inspiraram Jacobs. As escavações foram muito discutidas e por razões diversas, podem não ser exatas, mas o interesse de Jacobs não era arqueológico. O que ela estava apresentando era uma ideia: não pode ser pensada uma organização social complexa, como as civilizações agrícolas dos vales dos grandes rios do crescente fértil, sem a existência prévia de lugares onde as informações podem ser juntadas e multiplicadas em conhecimento e em cultura. Quando eu apresentava essa ideia aos meus

---

<sup>7</sup> Ele é conhecido como pelas suas propostas de abertura de vias rápidas na metrópole.

<sup>8</sup> O teorizador mais conhecido foi o arqueólogo e filólogo australiano Vere Gordon Childe (1892-1957), muito discutido pelos arqueólogos de campo.

<sup>9</sup> Tratava-se do jazimento de Çatal Hüyük, no sul de Anatólia, ao qual Jacobs batizara com o nome de Nova Obsidiana.

<sup>10</sup> O diretor da escavação foi o britânico James Mellaart (1925-2012).

alunos<sup>11</sup> (HAGGETT, 1972), a comparava com o argumento ontológico de Santo Anselmo (1033-1109) para demonstrar a existência de Deus. Tomás de Aquino (1225-1274) fez uns argumentos absolutamente lógicos para demonstrar aquilo que é indemonstrável. Mas, Santo Anselmo foi muito mais além ao falar: “Deus é o Ser maior do qual não pode ser pensado outro. O ser maior do qual não pode ser pensado outro, existe. Portanto, Deus existe.”

É a mesma lógica de Jacobs, que a ideia da cidade, como lugar de comunicação intensa, de densidade, de intercâmbio de informações, de técnicas, de conhecimento, de cultura é necessariamente precedente da sociedade humana toda. Os três termos da minha conferência reunidos por uma jornalista americana que, além do mais, deixou no mesmo ano 1969 o seu país, para não contribuir com seus impostos para a Guerra do Vietnã (1955-1975). Isso também, do meu ponto de vista, é, realmente, admirável.

Eu comecei por aí, não só porque se trata de uma mulher, no século das mulheres, mas porque é uma jornalista que fez um caminho que nós acadêmicos não somos capazes muitas vezes de fazer. Mas também porque as suas ideias têm permeado a maioria das políticas urbanas em muitos países do mundo. Pascoal Maragall, famoso prefeito de Barcelona, no período 1982-1997, falava que tinha os livros de Jane Jacobs na mesinha ao lado da cama. Provavelmente não fosse verdade, mas é significativo.

### **3 A Cultura e a Cidade**

Os caminhos urbanos da cultura nos levam primeiro para as artes. Talvez por não ser um especialista, fico muito impressionado perante o que chamam de Vanguardas, do início do século XX, e muito interessado para estudá-las e tentar compreendê-las. Eu gostaria de poder ver hoje como naquela época, 100 anos depois, no início do século XXI, propostas vanguardistas diversas. Um dos elementos dentro das vanguardas que, de uma forma talvez superficial, eu selecionei é o da relação entre a cidade e o campo. Precisa-se lembrar que Marx e Friedrich Engels (1820-1895) definiram como motor da história inteira a evolução da contradição entre o campo e a cidade. A época clássica seria a do domínio urbano sobre uma sociedade majoritariamente rural; a idade média seria a do domínio do campo sobre as cidades; e o capitalismo é a do domínio total da cidade. Por isso a urbanização planetária, do que se fala mais na frente, poderia ser o fim dessa contradição. Nesse contexto, vale a pena ver como é que alguns artistas já viram isso, mas um século antes.

---

<sup>11</sup> Como fez o geógrafo teórico britânico Peter Haggett, nascido em 1933, no seu famoso manual, com mais de 100 edições.



Um dos exemplos recolhidos é o do pintor francês Édouard Manet (1832-1883) que apresentou o seu *Le déjeuner sur l'herbe*, em 1863, que é espetacular (Figura 1).

Figura 1 – *Le déjeuner sur l'herbe*, de Édouard Manet



Fonte: Divulgação

Aparece quase no centro do quadro uma mulher completamente nua, na frente de dois homens muito sérios e totalmente vestidos, almoçando, provavelmente, num parque; nos fundos outra mulher, vestida, estaria no lago colhendo qualquer coisa. A forma de pintar era nova e surgiu do fato de que os pintores saem dos seus estúdios para dar conta da realidade, para mostrar as suas impressões. Foi justamente outro quadro de Manet, que se chamara *Impression*, tema estudado em Carreras i Verdaguer e Morcuende (2018), que deu nome para toda essa escola Impressionista (Figura 2). No mesmo sentido, destaca uma das séries de Claude Monet (1840-1926), a dos 40 quadros da fachada da *Cathédrale de Rouen*, pintados entre 1892 e 1894, que são quadros todos eles diversos, mas sempre do mesmo objeto (Figura 3). Vê-se como a cada momento, a cada hora do dia, em diferentes estações do ano, aparece um quadro diferente, original. Acontece um pouco como na Geografia francesa contemporânea, a excepcionalidade das monografias regionais. No quadro de Manet aparece claramente a ideia urbana do campo, porque aqui não tem ruralidade nenhuma, são os parisienses que procuram cambiar de decoração, de paisagem, mas não de modo de vida. Eles saíam daquela Paris, que o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) chamou de capital do século XIX.

Figura 2 – *Impression*, de Claude Monet



Fonte: Divulgação

Figura 3 – *Cathédrale de Rouen*, de Claude Monet



Fonte: Divulgação



No início dessa grande revolução artística e conceitual está o jovem poeta francês, Arthur Rimbaud (1854-1891), que criaria o que chamam de simbolismo; um dos seus poemas mais significativos é o que trata das cores das vogais<sup>12</sup>. Jovem poeta, porque ele abandonou a França aos 21 anos e já tinha escrito toda a sua obra poética, que seria publicada posteriormente. Não escreveu mais nada, só muitas cartas, mas particulares ou de negócios, publicadas em Rimbaud (2009). Ele viveu um grande conflito porque teve um relacionamento tumultuado com o grande poeta Paul Verlaine (1844-1896), que ficaria mais de um ano na cadeia em Bruxelas (1873-75), porque a ortodoxia sexual era lei naquela altura. Depois de algumas viagens pela Europa, finalmente foi para a África negociar para diversas companhias e ficou amigo de Negus d'Abissínia, Menelik II (1844-1913) e de um engenheiro suíço, seu conselheiro. Um adolescente, pois, criou uma poesia que seria o motor de todas as mudanças posteriores (Figura 4).

---

<sup>12</sup> A negro, E branco, I rubro, U verde, O azul, vogais,  
Ainda desvendarei seus mistérios latentes:  
A, velado voar de moscas reluzentes  
Que zumbem ao redor dos acres lodaçais;  
E, nívea candidez de tendas areais,  
Lanças de gelo, reis brancos, flores trementes;  
I, escarro carmim, rubis a rir nos dentes  
Da ira ou da ilusão em tristes bacanaís;  
U, curvas, vibrações verdes dos oceanos,  
Paz de verduras, paz dos pastos, paz dos anos  
Que as rugas vão urdindo entre brumas e escolhos;  
O, supremo Clamor cheio de estranhos versos,  
Silêncios assombrados de anjos e universos;  
- Ó! Ômega, o sol violeta dos Seus olhos!

figura 4 – Arthur Rimbaud (1854-1891)



Fonte: Divulgação.

Com estes e outros precedentes, entra-se já nas vanguardas à procura dos elementos que prefiguram a cidade contemporânea. Em primeiro lugar, merece ser lembrada uma obra tão famosa como *The Fountain*, de 1917, de Marcel Duchamp (1887-1968), um urinol invertido, que foi um escândalo maiúsculo como a maioria de todas as coisas que fez o autor, mas que é um móvel urbano; no campo não se precisa desses intermediários. Aparece assim uma urbanidade extraordinária, apesar de que possa parecer pouco séria (Figura 5).

Figura 5 – “*The Fountain*”, de Marcel Duchamp



Fonte: Divulgação.

Mas nem tudo acontecia só em Paris ou em Nova Iorque. No Brasil também podem-se achar exemplos interessantes da nova urbanidade. Nesse sentido vale a pena lembrar o livro do escritor português José Maria Ferreira de Castro (1898-1974) sobre a Amazônia, publicado em 1930, *A Selva*. É um romance muito interessante que apresenta a Amazônia como o inferno para o homem branco, que é habitante de cidades. No mesmo século XX, essa ideia vai evolucionar todo o contrário, e hoje a Amazônia seria o paraíso, não só para os brasileiros (talvez menos para brasileiros), e considerada o pulmão verde do Planeta. Passar do inferno para o paraíso é uma mudança bastante extraordinária e que indica que o visível, as paisagens de árvores, queimadas ou não, de rios e várzeas são menos importantes do que a ideia que elas comunicam. Enquanto essa região for considerada um inferno, o território vai ficar marginalizado, como ficou tantos anos, ou, ainda pior, explorado e colonizado como ainda é hoje.

Por outro lado, vale a pena lembrar também a arte do século XX: a cinematografia. O primeiro filme que deve ser citado sobretudo é *Metropolis*, de 1927, do diretor austríaco Fritz Lang (1890-1976). Apesar de o cinema já ter nascido como uma arte plenamente urbana<sup>13</sup>, esse filme constitui o primeiro áudio visual dedicado à cidade do século XX, a metrópole, quando ninguém falava ainda de metrópoles ou das áreas metropolitanas e de todos os seus derivados posteriores. Muitos artistas das vanguardas diversas enfrentaram, portanto, esse conceito da contradição entre a Cidade e o Campo, com ideias talvez diferentes e contraditórias, mas estavam ali, olhando para o futuro.

#### **4 O papel do patrimônio cultural**

Um componente fundamental da Cultura é o patrimônio. Uma imagem qualquer do Museu do Louvre poder servir como introdução do tema; talvez porque seja o mais conhecido dos museus, não que seja o melhor. Qualquer uma dessas belas fotos horrorosas de que os fotógrafos gostam, nas quais num enquadre perfeito a grande praça vê-se totalmente vazia (Figura 6). É muito difícil ver essa praça vazia, eu nunca a vi; sempre tem filas enormes de turistas e visitantes. Inclusive eu nunca mais fui capaz de entrar no Louvre; só entrei quando era jovem e não tinha tanta gente. Agora eu somente vou para a galeria comercial, que é muito boa, mas claro que não é exatamente a mesma coisa.

---

<sup>13</sup> Considera-se o primeiro filme da história, projetado em Paris, em 1895, *A saída da fábrica dos trabalhadores do estúdio em Lyon*, dos irmãos Lumière, Auguste (1862-1954) e Louis (1864-1948).

Figura 6 – Pirâmide do Museu do Louvre, em Paris



Fonte: Divulgação

Algum sociólogo francês, desses que escreveram sobre o consumo, falava como é horrível que muitas pessoas no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque somente vão para a loja de lembrancinhas. Eu fiquei maravilhado, porque eu faço isso, e não acho tão horrível. A loja do MoMA tem coisas que não se encontram em nenhum outro lugar. Não pode ser obrigatório se extasiar vendo os quadros que já conhecemos e que podem ser vistos em fotografias, nos livros ou na internet. Eu estive muitas vezes no Louvre, pois para quem vive em Barcelona, Paris é muito perto, mas nunca vi a Monalisa, porque sempre tinham 200 turistas na frente; como em Florença nunca consegui entrar nas galerias mais famosas. Os cientistas, sejam de esquerda ou de direita, não devem julgar os fatos e as condutas segundo a sua própria moral; a nossa obrigação é a de explicar e argumentar.

A respeito do patrimônio, cabe destacar a urbanista francesa Françoise Choay (1925), outra mulher importante. Ela escreveu, em 1992, *A Alegoria do Patrimônio*, na qual ela faz uma história da evolução do conceito e do tratamento do patrimônio. Ver Choay (2001), uma versão em língua portuguesa.

A pergunta chave é quando e por que nasceu o conceito e a ideia de patrimônio coletivo. O livro mostra como se forjou no meio da Revolução Francesa, no fim do século XVIII, quando uma grande parte do patrimônio material do país inteiro estava sendo destruído ou estava em perigo de destruição. A mesma coisa aconteceria bem mais tarde com o patrimônio industrial: o grande interesse da conservação e museização das fábricas e das infraestruturas industriais apareceu no momento da desindustrialização, a meados do século XX. A lógica parece ser que quando as coisas estão desaparecendo, quando elas deixam de ser significativas social ou



economicamente, então elas passam a ser simbólicas e são absorvidas dentro de parâmetros culturais. A base de dados do patrimônio arquitetônico francês, criada em 1978, foi denominada de *Merimée*, porque o escritor e arqueólogo Prosper, de Merimée<sup>14</sup> (1803-1870), foi o inspetor geral dos monumentos históricos entre 1834 e a sua morte, que promoveu os famosos trabalhos de restauração do arquiteto francês Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879).

Um primeiro debate foi suscitado na hora das operações de reforma de Paris, dirigidas pelo barão Georges-Eugène Haussmann (1809-1991). Ele foi muito criticado, entre outros, pelo famoso escritor Victor Hugo (1802-1885); o maravilhoso romance *Notre Dame de Paris*, de 1831, também é um manifesto contra a reforma de Paris, ou, pelo menos, uma reivindicação da Paris medieval. Hugo foi um pouco um combatente, como seria Jane Jacobs um século depois, pela preservação da cidade histórica tradicional. Frente as acusações de destruição do patrimônio, Haussmann se perguntava qual monumento de Paris ele teria destruído. Porque, na verdade, ele não derrubou nenhum, mas a reforma destruiu o ambiente de todos os grandes monumentos parisienses; a reforma isolou os edifícios importantes na história da cultura, seja da arte, seja da religião, do seu contexto morfológico e social onde eles estavam, portanto, eles foram monumentalizados. Isso aconteceu com a igreja da Madeleine, iniciada em 1764, ou com a catedral de Notre Dame, iniciada em 1163, e que sofreu um incêndio gravíssimo em abril do 2019 (Figura 7).

---

<sup>14</sup> Merimée é sobretudo conhecido como autor literário, especialmente pela criação da personagem de *Carmen*, publicada em 1947, e divulgada como ópera em 1875, por Georges Bizet (1838-1875).

Figura 7 – Notre-Dame de Paris depois do grande incêndio de 2019.



Fonte: Divulgação

O barão de Haussmann além do político responsável pela reforma de Paris, também era o promotor do banco de crédito local que financiou todas as obras, portanto, foi um dos primeiros agentes urbanos capitalistas. Por isso o geógrafo americano David Harvey (1935) pôde escrever em 2003, aquele livro fantástico, *Paris, capital da modernidade* – Harvey (2015), em português -, que na realidade estava a dizer primeira capital do capitalismo<sup>15</sup>.

A ideia de patrimônio como conservação é bastante seletiva porque o que se conserva são pedras, muito valiosas, mas nem o ambiente que as acompanha, nem a sociedade que as explica e as vive; perde-se a urbanidade, que não é feita de pedra. Nesse sentido, a UNESCO tem tentado completar a sua política conservadora com a criação da ideia de patrimônio imaterial. Numa outra ordem de coisas, é bastante interessante ver que em inglês fala-se de *heritage*, herança, enquanto que as nossas línguas românicas falam de patrimônio. Assim, matrimônio e patrimônio constituem um par de palavras essenciais na estrutura ideológica das nossas sociedades, que mereceriam tal vez um estudo de gênero.

## 5 A cidade e a Comunicação

Para olhar para o campo da comunicação, me inspirei no primeiro livro do sociólogo californiano Mike Davis (1946), *City of Quartz: Excavating the Future in Los Angeles*, de 1990. Davis explica a história da cidade de Los

---

<sup>15</sup> A literatura urbana estaria esquecendo o caso de Londres, que por causa do grande incêndio do 1666, fez a reforma com muita antecedência, mas sem um plano urbanístico comparável ao de Paris.

Angeles e os seus conflitos, e destaca o papel do jornal *Los Angeles Times*, fundado em 1881, e do seu proprietário; de alguma forma, foi responsável pelo desenvolvimento tão peculiar da cidade, que é um modelo que não é dos pensados pela Escola de Chicago<sup>16</sup>, porque é a cidade do automóvel e a cidade da privatização; é uma cidade absolutamente diversa, uma cidade totalmente fragmentada. Uma metrópole norte-americana, a sede do seu cinema, mas onde moram, sobretudo, imigrantes da América Latina toda e da Ásia.

Ligando comunicação e cinema, pois, vale a pena destacar o filme do diretor norte-americano Orson Welles (1915-1985), *Cidadão Kane*, de 1941 (Figura 8). Relata a história do Charles Foster Kane, com o próprio Orson Welles protagonista, referida a vida do magnata da imprensa William Randolph Hearst (1863-1951).

Figura 8 – *Cidadão Kane*, de Orson Welles



Fonte: Divulgação.

É considerado geralmente um dos grandes filmes da história. Nele Welles mostra o poder da imprensa que se iniciou no século XIX, como um meio de comunicação para dar informação para o cidadão, e também um instrumento cultural, já que muitos romances do século XIX foram publicados em fascículos, em partes a continuar, antes de virar um livro editado quando já era popular. Mas, aos poucos, a imprensa se converteu em um grande instrumento de poder, através da manipulação das informações e das opiniões. E hoje, claro, já não seriam mais só os jornais, são os grandes conglomerados de comunicação (jornais, revistas, rádios, televisões...). Mas, sobretudo, deve-se lembrar que a imprensa é urbana. As

---

<sup>16</sup> Trata-se da escola de sociologia urbana liderada pelo Robert E. Park (1864-1944), de 1914 a 1933, conhecida também como de ecologia urbana.

redações dos grandes jornais se localizavam no centro das cidades, e a cultura que eles difundem é a cultura urbana.

A televisão e os meios de comunicação audiovisuais, assim como as denominadas redes sociais, têm multiplicado ainda mais, a todas as escalas e níveis, o papel urbanizador da *media*. Os novos meios (rádio, fone, televisão) penetraram nas áreas domésticas das cidades, invadindo todas as casas, e todos os quartos em cada casa. Posteriormente, os novos meios (computador, celular) tornaram-se individuais e acabaram atingindo a maioria das pessoas. O fato de as comunicações serem hoje globais, regidas por uma ou duas redes de satélites, convive com a característica que uma proporção muito importante das relações é essencialmente de proximidade, como característica das contradições entre o global e o local<sup>17</sup> (CASTELLS, 2006, 2009, 2012).

## 6 A fragmentação urbana na Cidade contemporânea

A partir dessas premissas, volta a Cidade como objeto de estudo, e o primeiro tema que se tem que enfrentar é o da fragmentação que caracteriza a complexidade da cidade hoje.

De novo, no vasto campo das artes, podem-se encontrar precedentes importantes da possível compreensão da fragmentação da realidade que pode parecer compacta. É importante começar concretamente com a minha cidade, Barcelona. Porque o pintor Pablo Ruiz Picasso (1881-1973)<sup>18</sup> apresentou, em 1907, o quadro que ele denominara *Les demoiselles d'Avignon* (Figura 9), que tem sido o início do cubismo, uma nova forma de representação pictórica. Como o título está em francês, a gente pensa que está se referindo a Avignon, a cidade provençal do sul da França, que foi a sede dos papas entre 1309 e 1377, e onde depois se originou a grande crise da igreja católica, conhecida como o grande Cisma de Ocidente. Mas, na realidade, não é bem assim. Avinyó, em catalão, é uma ruazinha da Barcelona medieval, onde existiu um prostíbulo frequentado pelo pintor, onde essas senhoritas, *les demoiselles*, seriam suas amigas e o inspiraram.

---

<sup>17</sup> Esse tema foi desenvolvido especialmente pelo sociólogo espanhol Manuel Castells.

<sup>18</sup> Picasso nasceu em Málaga, na Andaluzia, mais foi para Barcelona, em 1895, quando o seu pai, José Ruiz Blasco (1838-1913) tornou-se professor de pintura na Escola das Artes da Llotja, daquela cidade.



Figura 9 – “*Les demoiselles d'Avignon*”, de Pablo Picasso



Fonte: Divulgação

A anedota só tem valor local, mas o que é importante é como Picasso as representou, mulheres peladas, fragmentadas geometricamente num ambiente fraturado e fechado. O objetivo era a aplicação do cubismo, da fragmentação geométrica, embora não exatamente cúbica, para desvendar o que explica melhor a realidade sensorial. Uma simplificação e desconstrução<sup>19</sup> dos objetos. Picasso desenvolveu essa técnica de pintura, no seu próprio autorretrato ou em tantas imagens da Jacqueline e outros quadros que culminaram em 1937, 30 anos mais tarde, no simbólico Guernica. Muitos outros pintores também seguiam essa técnica, como o espanhol Juan Gris - José Victoriano González-Pérez (1887-1927) - até chegar ao geometrismo colorido do neerlandês Piet Mondrian (1872-1944).

O fato a considerar é que aparece aqui uma fragmentação da realidade para melhor a compreender e a explicar. Não sabemos qual seria a razão para o Picasso descompor as suas formas mais de 100 anos atrás; alguns críticos ignorantes acharam, e ainda acham, que essas pinturas parecem desenhos da meninada. Eles são incapazes de ver a criatividade e a capacidade de procura de novas formas para melhor representar a complexidade da nossa realidade. A capacidade de invenção, que inclui o risco de errar sempre presente, permite o avanço de nosso conhecimento, que tem se feito muitas vezes pelo método da prova e erro. O temor a errar leva a seguir sempre os caminhos trilhados, a formular objetivos limitados a evitar a ambição da explicação científica. O quadro de Picasso, que é ele

---

<sup>19</sup> Desconstrução artística bem anterior também às teorias semióticas do filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004).

absolutamente urbano, introduz pela primeira vez uma visão, uma interpretação da realidade a partir da fragmentação. Esse é um grande estímulo para nós tentar ser capazes hoje, mais de um século depois, de introduzir essa visão, essa concepção para explicar a complexidade urbana a partir da compreensão da fragmentação da sociedade.

Junto com o experimento bem-sucedido do Picasso, cabe destacar também a obra do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que morreu jovem, com 48 anos, escapando da barbárie nazista. Ele não teve tempo de publicar tudo o que ele escreveu, mas em 1936, ele publicou, em francês, um livro fundamental que é *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (BENJAMIN, 2018).

A questão era repensar como se coloca a obra de arte quando perde a sua aura o seu caráter único<sup>20</sup>. A obra de arte tinha sido para a elite, para o rei, para o Papa, para o milionário burguês, mas no início do século XX a obra de arte podia já ser para todos<sup>21</sup>. A reprodutibilidade técnica, ou seja, a industrialização, está na base desse novo processo que tem causas e consequências sociais e econômicas importantíssimas; e também claro culturais e artísticas.

Na literatura, que eu talvez conheça um pouco mais, Carreras i Verdaguer (2003, 2013), teve um papel destacado em *Ulisses*, do escritor irlandês James Joyce (1882-1941), de 1922. Pode-se afirmar sem discussão que *Ulisses* seria o primeiro romance do século XX, que, com muitos precedentes claro, rompe com a literatura do século anterior. O livro narra um dia na história de um homem comum, ordinário e cotidiano, apesar da forma irônica que pretenderia um certo paralelo com a *Odisseia* clássica<sup>22</sup>. O seu valor literário é extraordinário. De um lado, porque Joyce escrevia sobre a cidade de Dublin, que não era nem é a cidade mais importante do mundo, mas ela representa todas as cidades, e o protagonista era o cidadão do século XX. Joyce escreve sobre Dublin, mas de fora de Dublin, combinando a sua interioridade e sua exterioridade. É um pouco como o argentino Julio Cortázar (1914-1984), que bem mais tarde, em 1963, publicou a sua famosa *Rayuela* (publicada no Brasil com o título *O jogo de amarelinha*), sobre Buenos Aires, mas estando em Paris. Ele explicava o valor da exterioridade, dizendo que quando está fora da cidade, fora da presencialidade, em relação a *Buenos Aires*, é que ele passa a ter capacidade de análise, de nela entrar.

*Ulisses*, além do mais, coloca especialmente o problema do sujeito, que é um grande problema da narrativa. Muitas vezes, o escritor se coloca

---

<sup>20</sup> Vale a pena lembrar que a imprensa do ourives alemão Johannes Gutemberg (1400-1468) já foi um invento que permitia a reprodutibilidade técnica do livro em 1450, quase meio milênio antes.

<sup>21</sup> As litografias do *Gernika* do Picasso substituíram as santas ceias do Leonardo na decoração das salas de jantar das casas dos progressistas.

<sup>22</sup> É um poema épico helênico em 24 cantos do século VIII a.C., atribuído a Homero, que explica as aventuras épicas do dramático regresso do Ulisses à sua Ítaca natal depois da guerra de Troia.

numa posição superior<sup>23</sup>, como um Deus, que sabe o que tem acontecido, o que está acontecendo, o que acontecerá; sabe como acaba a história, e ele sabe inclusive o que estão pensando as personagens, porque é ele o seu criador.

Alguns escritores tentam quebrar isso, romper o sujeito; às vezes é o próprio sujeito quem fala ou às vezes o leitor é interpelado diretamente ou o sujeito muda ao longo do romance<sup>24</sup>. Em *Ulisses* quase cada capítulo tem um estilo diverso; destaca o número 18, intitulado *Penélope*, que é difícil de ler, porque é quando a Senhora Bloom acorda, depois de ter metido os cornos no coitado do marido, e ela está ainda entre o sono e o despertar; todo ele contém oito frases sem pontuação nenhuma, tudo seguido, que representa esse momento entre sonho e a consciência. Nos discursos urbanos também é muito importante o problema do sujeito; por um lado, costumam as cidades a serem personificadas em feminino<sup>25</sup>; por outro, e mais importante, o uso do topônimo como sujeito coletivo oculta, conscientemente ou não, o papel diferencial dos diversos agentes que interveem na produção do espaço urbano<sup>26</sup>.

O sonho de Molly Bloom não é importante; tudo o que acontece no *Ulisses* não é realmente importante. Mas é a história de um dia, 16 de junho de 1904, de uma pessoa que não tem importância nenhuma, numa cidade quase provincial, é a expressão do cidadão do século XX, a pessoa que vive em sociedade, numa sociedade urbana; o anti-herói na sociedade das massas. É um dia no qual não acontece nada importante, apesar de Dublin estar nas vésperas da guerra da independência da Irlanda, tema que Joyce também trata com uma distante ironia. É a história do século XX, do século das cidades, se a guerra não a tivesse quebrado várias vezes; mas essa é uma outra história.

Seguindo na fronteira da comunicação e da cultura em torno as cidades, foram colocados alguns elementos chave das vanguardas que faziam avançar a Modernidade, todas das primeiras décadas do século XX, que fora um momento incrível de criatividade. Nestas primeiras décadas do século XXI, na revolução científico técnica informacional, termo cunhado por Santos (1996), estaria faltando bastante criatividade. Mas, no campo da comunicação e de criação, é interessante referenciar o jovem escritor

---

<sup>23</sup> O uso dos mapas e dos planos também permite que geógrafos e arquitetos, no planejamento, muitas vezes se coloquem se não como deuses, pelo menos como proprietários das decisões que afetam a os cidadãos todos.

<sup>24</sup> É o que acontece, por exemplo, no famoso romance *Moby-Dick*, de 1851, do escritor norte-americano Herman Melville (1819-1991).

<sup>25</sup> Pelo menos poderia ser um tema de pesquisa a tal personificação das cidades.

<sup>26</sup> Um exemplo disso era o slogan da cidade olímpica que dizia que Barcelona vivia de costas para o mar. A cidade não tem costas nem peito, nem rosto e ninguém pensava quem estava realmente de costas ao mar: os cidadãos (os pescadores ou os trabalhadores do porto)? As empresas (as transportadoras)? As instituições? Sem uma resposta clara, finalmente abriram-se as praias para o turismo que procurava o sol e o mar.

francês, Laurent Binet (1972), que ganhou o *Prix Goncourt du Premier Roman*, em 2010, pelo seu primeiro romance, *HHhH*<sup>27</sup>, uma obra sobre o tema da segunda guerra mundial. Mas, em 2015, publicou *La Septième Fonction du langage* (A sétima função da linguagem, tradução nossa); na capa está a foto do filósofo e semiólogo francês Roland Barthes (1915-1980), que morreu atropelado por uma ambulância em Paris, na frente da Sorbonne. Teria morrido saindo de um jantar com François Mitterrand (1916-1996), às vésperas em que ele ganhara as eleições na França, depois de ter se apresentado muitas vezes. A arma desse sucesso eleitoral, seria essa sétima função da linguagem, a função da sedução, que completaria o esquema linguístico do filólogo russo Roman Jakobson (1896-1982); a linguagem poderia ser usada para convencer, mas de forma científica, consciente e inexorável. A metáfora da força de convicção dos meios de comunicação e redes sociais atuais permite a Binet brincar com toda a elite linguística e literária do Paris da época, algumas das personagens ainda vivas.

Além das brincadeiras e das metáforas, o romance do Binet mostra como na França ainda podem ser ditas, publicadas e debatidas muitas coisas que não o poderiam ser em outros países. A França ainda preserva alguma das características da criatividade, que é muito importante e que mostra como os artistas vão alguns passos na frente dos acadêmicos, fornecendo instrumentos para explicar a realidade.

## **7 Cidades de sábios, Cidade do conhecimento, *smart Cities*?**

Muito relacionado com o tema que se está desenvolvendo, nessa Faculdade de Comunicação, falando em Cidade e Cultura precisa-se colocar um tema que desenvolveu um dos organizadores desse evento, Silva (1999).

Desde a Academia ou desde o Business tem-se tentado algumas vezes criar cidades exclusivas para intelectuais ou para "sábios", com a finalidade de fomentar a criatividade e a inovação. Um bom exemplo já histórico foi a cidade soviética, que de fato era só um bairro de Novosibirsk, perto do lago Baikal, na Sibéria central. Akadengorodok foi uma cidade criada, em 1958, só para os grandes científicos da União Soviética, aqueles que permitiram a carreira do espaço ou o desenvolvimento da indústria nuclear. Teve uns 60.000 pesquisadores com as suas famílias, mas nunca chegou a ser exatamente uma cidade. Com a dissolução da URSS, muitos desses pesquisadores emigraram para Ocidente e só a partir da segunda década do século XXI, o governo russo tenta renovar a atividade, na moda das políticas de conhecimento que estão se aplicando em tantas cidades do mundo.

---

<sup>27</sup> O romance explica o atentado em Praga ao chefe nazista Reinhard Heydrich (1904-1942) e o título são as siglas da frase alemã *Himmlers Hirn heisst Heydrich*, o cérebro de Himmler chama-se Heydrich.



Um exemplo diverso é o caso da companhia Disney que criou *Celebration*, na área metropolitana de Orlando, também como uma cidade para intelectuais, que tem uns 7.000 habitantes. Foi o caso de estudo da tese de doutoramento de Silva (1999), que tentou apresentar na USP, só na forma de CD-ROM. Num país como o Brasil, que tem tanta pobreza, e onde essa constitui o horizonte privilegiado nos estudos de Ciências Sociais, um caso como o de *Celebration* era difícil de encaixar talvez. Apesar de que o Brasil é um dos poucos Estados, comparável ao que ocorre na China nas últimas décadas, que tem uma certa tradição de construção de novas cidades, desde Belo Horizonte até Palmas, passando por Brasília. A miséria considera-se quase um trato definidor da Cidade, não só brasileira, quanto latino-americana em geral. Inclusive, às vezes, se diz que a Europa e os Estados Unidos têm pobres, mas não têm verdadeira pobreza, num tipo de competição que não faz sentido nenhum nem qualitativamente, pois quando se é pobre não tem sentido ser mais pobre, nem quantitativamente.

Castells e Mollencopf (1991) mostram a cidade de Nova Iorque como dual, onde há os maiores contrastes sociais. No mesmo sentido, o já referido geógrafo de Los Angeles, Mike Davis (2006), escreveria o *Planet of Slums* (Planeta Favela, tradução nossa), sobre uma cidade que é muito latino-americana pela sua população, mas que é sobretudo dos Estados Unidos. Já se tem falado do incremento da desigualdade no mundo todo no início deste artigo.

A diversificação dos casos de estudo consegue superar os limites da escala local e regional<sup>28</sup>, ao desvendar processos urbanos que são gerais como a própria urbanização. O caso das pretendidas cidades de sábios coloca o tema da fragmentação, ao pretender a segmentação social, cultural, política ou econômica das cidades. Não se pode falar em cidade só para intelectuais, só para velhos, só para jovens ou só para lares com cachorros. As cidades são realidades complexas e fragmentadas dinamizadas por processos diversos e contraditórios em relação com a estrutura social em andamento. O que é preciso agora é estudar as estruturas e as dinâmicas dos fragmentos<sup>29</sup> mais diversos das cidades no mundo.

Para alargar o tema das possíveis tipologias urbanas, que podem ser compreendidas conforme Carreras i Verdaguer (2018), vale a pena abrir um parêntesis geopolítico, ou cultural. Não se pode esquecer, e hoje mais do que nunca, que a Europa, teoricamente o continente da estabilidade, foi devastada por duas grandes guerras durante o século XX, que provocaram, entre as duas, mais de 80 milhões de mortos, sem contar deslocados e

---

<sup>28</sup> Uma questão relevante para entender a realidade urbana e saber si o termo latino-americana seja uma tipologia regional ou cultural, quando o regionalismo e o culturalismo na Geografia já foram criticados duramente desde inícios da segunda metade do século XX.

<sup>29</sup> O Professor Dr. Paulo Celso da Silva, docente do PPG em Comunicação e Cultura da Uniso, a partir de 2000, estuda o caso do novo setor 22@ em Barcelona, o que permitiu a nossa colaboração atual.

imigrantes forçosos<sup>30</sup>. Pessoas de todos os lugares da Europa migraram internamente ou para o exterior, especialmente para América; o Brasil foi também destino dessas migrações. Basta lembrar Zweig (2006), livro cujo título original é *Brasilien: Ein Land der Zukunft*. Ele, judeu, um dos milhares de fugitivos da perseguição nazista, exilou-se em Petrópolis, com sua mulher. A dimensão do terror sentido vê-se quando ele achou que a Alemanha ia ganhar a guerra, e que, então, eles não iriam ter como escapar, porque o Brasil se envolveu na guerra contra Alemanha. O casal saiu para o bosque em Petrópolis e se suicidaram os dois. Coitados, para nada, porque, finalmente e felizmente, aquela Alemanha nazista não ganhou a guerra. Apesar de que, finalmente, possa parecer que a nova Alemanha ganhou a guerra e a União Soviética que a tinha ganho a perdeu, por causa da mudança das alianças geopolíticas posteriores.

As estratégias geopolíticas são bem mais complicadas e não é tema para se estender aqui. Mas é importante reflexionar como uma pessoa inteligente, com dinheiro, muito bem formada, que tem obras traduzidas a os idiomas todos chega a se suicidar junto com a sua mulher, por causa do que tinham visto e vivido na Europa. Outros milhares e milhões de europeus viveram experiências semelhantes. No continente da estabilidade e da tradição, da riqueza e da cultura!

É importante lembrar hoje esse fato, quando se vê que em muitos países, inclusive no Brasil, como na Espanha ou no Reino Unido, está se fomentando o enfrentamento entre pessoas. Uma divisão dos países em duas metades irreconciliáveis; esse é um início da guerra, e nós não queremos, não podemos concordar com isso de maneira nenhuma. Se não somos capazes de respeitar as ideias do outro, se não somos capazes de construir umas sociedades que tenham espaço para todos, inclusive para alguns fascistas antidemocráticos, o resultado é incerto. Talvez eu não veja já essa catástrofe, espero, mas não a desejo para ninguém. A história da Europa é um exemplo para não esquecer, que merecia esse parêntesis.

## **8 A urbanização planetária, uma conclusão possível**

E chegamos ao final para uma conclusão que se constrói a partir das nossas linhas de pesquisa mais recentes e atuais. Um pesquisa que foram iniciadas na França, do último quarto do século XX, quando a escola de pensamento francês estava na sua culminação criativa. Parte-se das apartações do filósofo Henri Lefebvre (1901-1991). Na Geografia Brasileira, especialmente na USP, tem um grupo de pesquisa muito conhecido que estuda Lefebvre, de forma muito destacada, com uma grande quantidade de publicações. Não se pretende, portanto, descobrir a sua obra, sendo que Lefebvre (1968), sob o título *Le droit à la ville*, é a de maior impacto e tem

---

<sup>30</sup> Esse tema já foi apresentado pelo autor no encontro internacional que Milton Santos organizou na USP, em 1992, sobre O Novo Mapa do Mundo, publicado em dois volumes cinco anos depois.

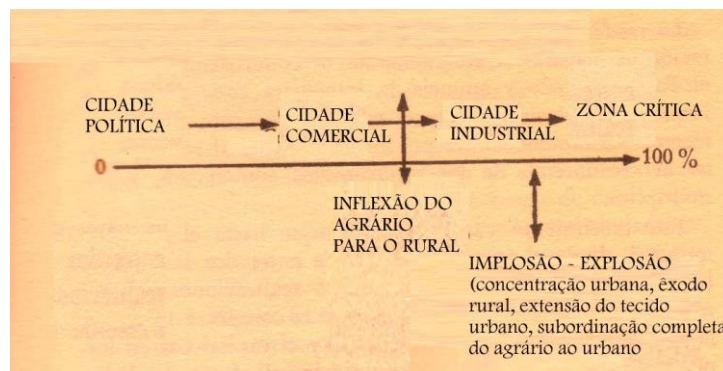
inspirado gerações de acadêmicos e ativistas, no mundo ocidental<sup>31</sup>. A sua maior apartação, Lefebvre (1974), sob o título *La Production de l'Espace* que tem aberto uma linha de pesquisa urbana científica muito importante e esclarecedora. Mas Lefebvre (1970) é um estimulante ensaio sobre o futuro da sociedade, uma autêntica utopia no fim do século XX (CARRERAS i VERDAGUER; MORCUENDE, 2016): *La Révolution urbaine*.

No esquema interpretativo, não segue a intuição de Jane Jacobs, claro que não devia apreciar muito, talvez por ser ela jornalista e publicar em inglês. Os pesquisadores americanos hoje usam muito Lefebvre, mas lhe citam como se ele fosse um autor de hoje, a partir das traduções, que são bastante tardias<sup>32</sup>.

A obra é realmente instigante e explica a evolução da cidade do ponto de vista marxista para lançar a hipótese de que teria já acabado a contradição Campo-Cidade. O seu final teria chegado a partir de uma confluência de fenômenos que ele chamou de implosões (mudanças internas) e explosões (consequências sobre o exterior). A Cidade, segundo Lefebvre (1976), já estava explodindo para fora, com suas construções, infraestruturas, investimentos e transformações, mas também estava implodindo com as novas formas do planejamento e o incremento da influência do capital imobiliário.

Essas implosões e explosões fazem com que o conceito tradicional de Cidade tenha que mudar completamente, porque ela já não seria uma realidade delimitada, já não haveria nada exterior à Cidade (Figura 10).

Figura 10 – Sobre o conceito tradicional de cidade



Fonte: Lefebvre (1976, p. 22).

A Cidade hoje são os cidadãos que estão distribuídos pelo mundo todo, e também as suas atividades de produção e de consumo, e as suas consequências. Deve-se acrescentar essa hipótese com os aportes

<sup>31</sup> Apesar de que muitas vezes parece com que muitos tenham pegado só o título do livro, sem tê-lo lido ou, pelo menos, entendido.

<sup>32</sup> O californiano Edward Soja (1940-2015) lia em francês e citou Lefebvre corretamente nos seus trabalhos.

fundamentais de Milton Santos, quando definiu a Revolução técnico-científica-informacional, que estaria na base da revolução urbana. A divulgação de algumas técnicas, como celular, computador, internet e todas essas coisas têm globalizado o Mundo e difundido o modo de vida urbano.

Hoje, de qualquer lugar, desde que tenha conexão, e há muitos e muitos lugares há pessoas conectadas, pode-se viver na cidade global; hoje em qualquer barzinho, ou local de qualquer nível, a primeira pergunta do cliente é sempre: qual é a senha do wi-fi. Muitas cidades têm um sistema que conecta na rua; nem sempre funciona muito bem, mas inclusive na rua pode se conectar. Qualquer um hoje pode vender qualquer coisa, ideia, objeto, informação para o mundo global através da internet; vende-se criatividade ou roupas ou objetos e coisas que não quer mais usar.

Nessa verdadeira tecnosfera, o consumo está virando a grande lógica cultural da revolução urbana<sup>33</sup> (CARRERAS i VERDAGUER; MARTÍNEZ-RIGOL, 2019), dessa explosão da vida urbana a escala global. Na Espanha, na Europa toda, se assiste a um grande debate político em torno aos imigrantes que chegam dos países em guerra, sobretudo da Síria, ou dos países pobres, especialmente da África Subsaariana, ou de muitos países em grandes mudanças internas, sobretudo da Ásia central e meridional. As organizações de extrema direita criticam as políticas mais ou menos das esquerdas por ter o que eles chamam de um efeito chamada para os imigrantes. Mas a maioria das pessoas que migram, em condições terríveis e perigosas, exploradas pelas máfias, nem sabem de políticas de imigração. O que eles sabem muito bem é como se vive na Europa ou nos Estados Unidos e sabem como eles sobrevivem, quando não são perseguidos nos seus países. Eles querem participar da nossa vida, em nosso banquete, inclusive de nossa miséria, porque, comparando miséria com miséria, a nossa seria melhor ou, pelo menos, menos pior.

O caso da África Subsaariana merece um outro parêntese geopolítico, porque é um continente que tem sido explorado pelos europeus ao longo da história toda. O tráfico transatlântico de escravos, entre os séculos XVI e XIX, é um dos episódios mais repugnantes da história da sociedade humana. A rota dos escravos foi inclusive patrimonializada pela UNESCO, com um critério que seria pelo menos discutível. É bom recordar e não esquecer a história, mas não precisa a converter num recurso turístico. Bem mais tarde, no ano 1885, os Estados europeus se reuniram em Berlim numa Conferência para se dividir o "bolo" da África entre eles. Inclusive um Estado pequeno, como a Bélgica, com o seu Rei, o Leopoldo II (1835-1909), de triste memória, participou também dessa colonização. A população africana foi explorada durante séculos pelos europeus, e agora eles querem participar. Nas mídias eles veem o modo de vida europeu ou americano da qual eles

---

<sup>33</sup> O autor apresentou uma comunicação nesse sentido no VII Seminário *Internacional Ciudad, Comercio y Consumo*, organizado em Buenos Aires, no CONICET, pela professora Maria Laura Silveira, em setembro 2019.



também querem fazer parte. Eles se urbanizam, portanto, antes mesmo do seu deslocamento.

Há, portanto, uma lógica cultural que faz com que possamos morar em qualquer lugar, mas sempre se está morando sob uma nova forma de vida, que pode ser chamada de urbana. Por isso pode-se falar se não propriamente de uma revolução urbana, com as suas ressonâncias políticas, pelo menos de uma urbanização planetária. Brenner (2014, 2019) recuperam a formulação inicial do Lefebvre, que é o que guia as nossas pesquisas. Ele tem um projeto de pesquisa em andamento no mundo todo, estudando como o processo de urbanização é diferenciado em cada lugar, quanto aos ritmos, quanto às formas, quanto ao conteúdo.

Infelizmente, Milton Santos não chegou a ver essas mudanças, mas ele já pediu para fazer um mapa da quantidade de conhecimento e de informação que estariam investidas em cada um dos lugares do mundo, para medir essa urbanização global diferencial. Nesse sentido, deve-se analisar as fragmentações sociais, econômicas, culturais e políticas, acima das simplesmente morfológicas; como fizeram no campo das artes as vanguardas do século XX. Sem esquecer claro da identificação dos agentes produtores desses processos e do espaço em geral, e procurando sempre alternativas para desenvolver o direito à cidade de todos os cidadãos do mundo. Esse é o objetivo de nossas pesquisas, um objetivo ambicioso, mas muito instigante.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ler o capital**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: L&PM, 2018.

BRENNER, Neil J. **Implosions/Explosions**: towards a study of planetary urbanization, 2014.

BRENNER, Neil J. **New urban spaces**: urban theory and the scale question. London: Oxford University Press, 2019.

CARRERAS i VERDAGUER, Carles; MORCUENDE, Alejandro. Hacia una Sociedad postcapitalista: lo popular, lo común y lo urbano. *In*: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, XV, 2018, UB-Barcelona. **Anais...** Universitat de Barcelona, 2018. p. 1-22. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/Sociedad-postcapitalista/CarrerasMorcuende.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

CARRERAS i VERDAGUER, Carles. Città nel Mediterraneo, città del Mediterraneo? **Civiltà del Mediterraneo**, Napoli, n. 29, p. 139-150, 2018.

CARRERAS i VERDAGUER, Carles. **La Barcelona literària**: una introducció geogràfica. Barcelona: Proa, 2003.

CARRERAS i VERDAGUER, Carles. **La ciudad en la literatura**: un análisis geográfico de la Literatura urbana. Lleida: Milenio, 2013.

- CARRERAS i VERDAGUER, Carles; MORCUENDE, Alejandro. **Marxismo y utopias: viejas y nuevas propuestas urbanas.** In: BENACH, Nuria; ZAAR, Miriam; VASCONCELOS JR., Magno Pereira (eds.). **Las utopias y la construcción de la sociedad del futuro.** Barcelona: Universidad de Barcelona/Geocrítica, 2016.
- CARRERAS i VERDAGUER; MARTÍNEZ-RIGOL, Sergi. Treinta años de consolidación de la sociedad de los consumidores. Um balance y unas líneas de futuro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CIUDAD, COMERCIO Y CONSUMO, 7., 2019, UBI-Buenos Aires. (en prensa).
- CASTELLS, Manuel. **La sociedad red.** Madrid: Alianza, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder.** Madrid: Alianza, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignación y esperanza.** Madrid: Alianza, 2012.
- CASTELLS, Manuel; MOLLENCOPF, John. **Dual city.** New York: Russel Sage Foundation, 1991.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: UNESP, 2001.
- DAVIS, Mike. **Planet of slums.** London: Verso, 2006.
- DAVIS, Mike. **City of quartz.** New York: Vintage, 1990.
- HAGGETT, Peter. **Geography: a modern synthesis.** Prentice Hall, 1972.
- HARVEY, David. **Paris: capital da modernidade.** São Paulo: Boitempo, 2015.
- JACOBS, Jane. **The economy of cities.** Nova York: Hausmann, 1969.
- LEFEBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade.** Lisboa: Ulisseia, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. **Le droit à la ville.** Paris: Anthropos, 1968.
- LEFEBVRE, Henri. **La révolution urbaine.** Paris: Gallimard, 1970.
- LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace.** Paris: Anthropos, 1974.
- PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI.** São Paulo: Intrínseca, 2013.
- RIMBAUD, Arthur. **La pléiade.** Paris: Gallimard, 2009.
- SALVATIERRA, Javier; MUGUEL, Rafa de. Quebra de Thomas Cook. **El País,** Brasil, 24 de setembro de 2019. Disponível em: [https://elpais.com/economia/2019/09/23/actualidad/1569215808\\_730348.html](https://elpais.com/economia/2019/09/23/actualidad/1569215808_730348.html). Acesso em: 24 set. 2019.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, Paulo Celso da. **Como anjos caídos... mensageiros em espaços de flexibilidade e redes: uma experiência geográfica.** 1999. 140 p. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- STREECK, Wolfgang. **How will capitalism end?** New York: Verso, 2016.
- WALLERSTEIN, Immanuel et al. **Does capitalism have a future?** Oxford: Oxford University Press, 2013.
- ZWEIG, Stefan. **Brasil, um país do futuro.** Porto Alegre: L&PM, 2006.